

Os Onodas nacionais

A adesão política nunca resulta de frio cálculo: envolve paixões às pencas

Maria Hermínia Tavares

Folha de S. Paulo, 23.nov.2022

- • É como se fossem dois países. Em um, a vida parece seguir normalmente. O [presidente eleito](#) viaja pelo mundo e, por onde passa, é recebido com simpatia, enquanto aqui se prepara a transição de governo. No outro país, há [crispação e raiva](#) — muita raiva.

Partidários do perdedor [fecham estradas](#), promovem motociatas, atacam pessoas, divulgam desatinos nas redes e se aglomeram diante dos quartéis clamando por [intervenção militar](#). Fazem lembrar [Hiroo Onoda](#), o patético tenente japonês que durante 30 anos ficou escondido na selva das Filipinas, sem saber que a Segunda Guerra Mundial já era história. O comportamento dos nossos Onodas decorre de dois fenômenos casados. O primeiro tem a ver com o modo como se informam; o segundo, com os laços que os unem a seu líder.



Apoiadores do presidente Jair Bolsonaro participam de manifestação pedindo intervenção federal, no quartel-general do Exército, em Brasília - Sergio Lima - 1.nov.22/AFP

Em recente seminário, o cientista político Felipe Nunes, diretor da Quaest Pesquisa e Consultoria, argumentou, arrimado em dados de pesquisa, que os brasileiros vivem em

ambientes [estanques de informação](#): ecossistemas constituídos por diferentes órgãos da imprensa escrita, emissoras de rádio e TV e redes sociais que veiculam valores e imagens antagônicas dos problemas brasileiros.

Com os também cientistas políticos Frederico Batista Pereira e Nara Pavão, Nunes observou em artigo publicado há pouco que a capacidade de identificar notícias falsas variava dramaticamente conforme os meios de comunicação que as pessoas por eles entrevistadas seguiam. Telespectadores da TV Record, assinantes do Terça Livre — o blog do notório bolsonarista [Allan dos Santos](#) — e do site [Brasil Paralelo](#) penavam muito mais do que a média do público para distinguir verdade e mentira, quando expostos a uma e a outra.

Desde sempre, como até as vidraças dos palácios federais estão fartas de saber, Bolsonaro apostou na polarização política assentada em temas propícios à mobilização das emoções. De forma inédita na vida nacional, alojou no centro da disputa política valores familiares, educação dos filhos, liberdade para assumir riscos letais — [como na recusa à vacinação](#) — e, muito especialmente, a fé.

A adesão política nunca resulta de frio cálculo: envolve paixões às pencas. Mas o apelo direto e sistemático a sentimentos e valores que infundem sentido à vida privada de cada qual — e supostamente estão ameaçados por inimigos reais ou imaginários —, reforça a tendência humana a rejeitar informações que contrariam crenças arraigadas: eis o ingrediente primeiro da polarização afetiva. Por hostil ao convívio democrático, neutralizá-la é o desafio dos vitoriosos. Talvez mais difícil do que convencer Onoda de que a sua guerra acabara.